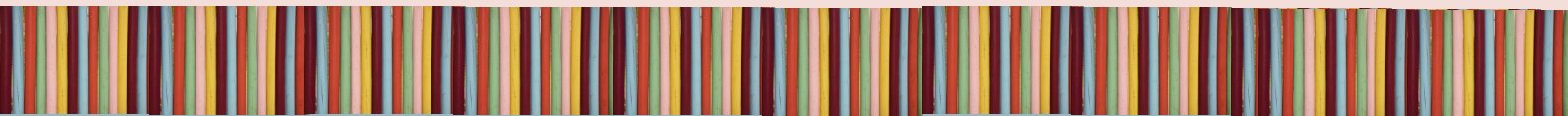


# **temas de ética prática**

**lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 5**



## **VIDA**

**Como podemos discutir as questões da vida?**

# temas de ética prática

lista bibliográfica de apoio à disciplina de filosofia I 5



**Como podemos discutir as questões da vida?**

# VIDA

Organizadas por temas relacionados com o programa da disciplina de Filosofia, as *Listas bibliográficas de apoio à disciplina de Filosofia* apresentam dois tipos de recurso:

- documentos livro, áudio e vídeo disponíveis na Biblioteca Escolar Clara Póvoa para consulta presencial e requisição domiciliária
- fontes eletrónicas *online* que podem servir de ponto de partida para explorações / estudos mais aprofundados.



**Seleção:** Emília Laranjeira

**Seleção web:** Isabel Bernardo

**Desenho gráfico:** Isabel Bernardo

**Paginação:** Conceição Sacarrão e Fernanda Cravo

**Edição:** Biblioteca Escolar Clara Póvoa

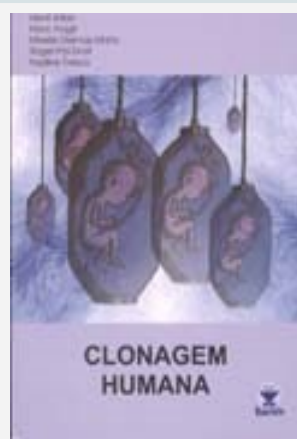
Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2015

À medida que o fundo documental da BECP se for enriquecendo, estas listas bibliográficas serão atualizadas.

Boas pesquisas!

# CLONAGEM HUMANA





**Cota: 17 CLO**



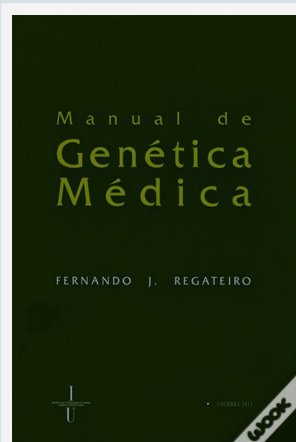
«Imaginando que a clonagem humana se torne um meio de reprodução praticada em grande escala – o que, hoje em dia, está longe de ser realizável num futuro previsível – deve ter-se em consideração um outro argumento: o da diminuição da diversidade genética. Isto implica que se fabriquem clones humanos aos milhares. É também um argumento por vezes utilizado contra a clonagem reprodutiva de organismos não apenas humanos, mas também animais. Se a reprodução sexuada se tornasse exceção e não regra, a percentagem de indivíduos geneticamente idênticos aumentaria rapidamente e a diversidade genética decresceria perigosamente no interior da espécie. Ora esta diversidade é um fator de adaptação evolutiva a modificações ambientais. A diminuição da diversidade genética seria irrelevante e não poria a espécie em perigo se apenas encarássemos a prática da clonagem reprodutiva como exceção, por exemplo, com objetivos farmacêuticos em animais, ou como técnica paliativa de algumas esterilidades no homem. (...) Há coisas que eles não sabem e outras que esquecem. A história da biologia faz-se, em grande medida, pelo esquecimento das teorias precedentes. (...) Os escoceses não são os primeiros a tentar fazer transferências de núcleos.» (pp. 40-41)

Atlan, H., Augé, Marc, Delmas-M, M., Droit, R-P., & Fresco, N. (2001). *Clonagem Humana*. Coimbra: Quarteto.



«A clonagem reprodutiva pressupõe a aceitação inadmissível do domínio desmedido do homem sobre a existência de outros homens, estendido à possibilidade de programarem a sua identificação biológica em nome de critérios arbitrários ou obedecendo a propósitos obscuros. Esse é verdade que a identidade pessoal não se esgota na identidade biológica e, por isso, cada ser humano é único e irrepetível, é igualmente verdade que se corre o risco de, sobrestimando as qualidades biológicas previamente selecionadas, fazer depender o valor da pessoa humana, única ou prevalentemente, dessas mesmas qualidades biológicas. Mais ainda: a pessoa clonada veria ameaçada gravemente a sua subjetividade pessoal pela presença real ou virtual do seu clonante. Estas e outras razões levaram muitos países à proibição da clonagem humana. (...) A clonagem humana não-reprodutiva, com recurso às células estaminais embrionárias merece igualmente sérias reservas éticas. E a razão fundamental é que tal clonagem implica a interrupção do processo embrionário. «A ablação da massa celular interna do blastocisto que lesiona grave e irremediavelmente o embrião humano interrompendo a sua evolução, é um ato gravemente *imoral* e portanto gravemente *ilícito*».» (p. 90).

Pinto, J. R. C. (2006). *Bioética para todos*. Braga: Editorial A.O.



**Cota: 57 REG**



«Justificar-se-á a clonagem somática humana para fins reprodutivos?

A resposta negativa parece óbvia:

- por razões éticas, destacando-se o facto de um embrião clonado não reproduzir as potencialidades que decorrem da diversidade presente nos embriões obtidos por fecundação, pelo que é negada a essência e o potencial da criação, inerentes a uma nova vida humana, na sua unicidade; será, por isso, “reprodução”, mas não “criação”;

- por razões científicas, pela atenção a dar à precaução como princípio a respeitar face à falta de estudos prévios em animais, capazes de conceder segurança ao método, ao registo de problemas de saúde nos animais em que foi utilizada esta metodologia, ao atentado à diversidade que o processo representa e ao elevado nível de ignorância atual, nomeadamente no que respeita às formas de ultrapassar as consequências do encurtamento dos telómeros e do “imprinting” «(p. 438)

Regateiro, J. F. (2013). *Manual de genética médica* (pp. 431-451). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.



«A respeito do estatuto do «embrião» clonado com finalidade de investigação biomédica existem também diferentes posições éticas, umas privilegiando a origem e intenção com que ele foi feito, sabendo que, nunca sendo colocado num útero, nunca poderá ser pessoa humana; outras, atribuindo-lhe o estatuto igual ao embrião proveniente da fusão de espermatozoide e óvulo (zigoto), entendem que não interessam nem a origem, nem a intenção, nem a finalidade, mas sim a possível funcionalidade, embora não expliquem como é que um clone não colocado no útero pode ser considerado pessoa humana.

Para obtenção deste clone são pois necessários como matéria-prima um óvulo sem núcleo e o núcleo de uma célula somática - e o problema coloca-se justamente em saber *como dispor dos óvulos*: quem os dá (ou vende?, quem os recolhe, quem lhes retira o núcleo e neles coloca o núcleo de uma célula somática, e que relações de transparência ética e comercial há entre toda esta gente. E que ninguém se furte à respetiva declaração de conflitos de interesses.» (pp. 146-147).

Silva, M. O. (2006). *Ciência, religião e bioética: no início da vida* (pp. 139-156). Lisboa: Caminho.



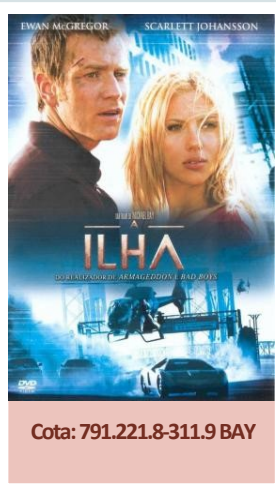


**Título e data:** *Clonagem*, 2002

**Realizador:** National Geographic

**Duração:** 54'

**Sinopse:** Testemunhe os extraordinários efeitos da revolução da clonagem, desde jardins zoológicos congelados a super galinhas, passando por empresas que sugerem a celebridades o registo dos direitos dos seus DNA. Explore o 'bravo mundo novo' da emergente indústria da clonagem e envolva-se nas comoventes histórias pessoais de gente desesperada à espera dos benefícios das 'peças sobresselentes' e da clonagem reprodutiva.



**Título e data:** *A Ilha* 2005

**Realizador:** Michael Bay

**Atores principais:** Scarlett Johansson, Ewan McGregor, Djimon Hounsou


**Banda sonora:** Ramin Djawadi

**Duração:** 136'

**Sinopse:** Lincoln Six-Echo está em fuga com apenas duas certezas na sua vida. Primeiro: as autoridades que controlam a instalação ultra-secreta onde foi criado prometeram-lhe que um dia iria viver no derradeiro lugar habitável na face da Terra, a paradisíaca Ilha. Segundo: tudo que sempre soube foi uma mentira. Ewan McGregor e Scarlett Johansson, fugitivos perseguidos por implacáveis agentes...

OVERVIEW
PRESS ROOM
DONATE
BLOG


FEATURED



**Human Gene Editing Frequently Asked Questions**

Oct 29, 2015

Should we as a society condone the modification of future human beings? We take on some common questions about editing the human germline.



**Center for Genetics and Society comments on First Application to Pursue Genome Editing Research on Human Embryos**

[Press statement]

Sep 18, 2015

"If scientists and the regulatory authorities in the UK are serious about responsible use of new gene altering technologies, they should be rushing ahead in ways that could lead to genetically modified humans."

**Center for genetics and society**  
[clique na imagem para aceder ao recurso]



Internet Encyclopedia of Philosophy
A Peer-Reviewed Academic Resource

A B C D E F G H I

ABOUT
EDITORS
DESIRED ARTICLES
SUBMISSIONS
VOLUNTEER
PRINT
Printer-Friendly Version
STAY CONNECTED

**Cloning**

In biology, the activity of creating a new organism that is genetically identical to another organism, perhaps an entire organism or a part of an organism, is called cloning. The most common type of cloning, specifically the use of somatic cell nuclear transfer (SCNT), is called reproductive cloning. The article summarizes the history of cloning, therapeutic cloning, human clones, and it illustrates various portrayals about human cloning. The article considers arguments for and against cloning.

**Internet Encyclopedia of Philosophy**  
[clique na imagem para aceder ao recurso]





# What is Cloning?

Clones are organisms that are exact genetic copies. Every single bit of their DNA is identical.

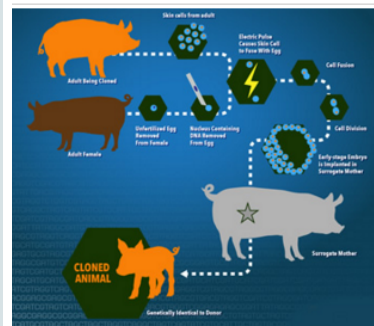
Clones can happen naturally—identical twins are just one of many examples. Or they can be made in the lab. Below, find out how natural identical twins are similar to and different from clones made through modern cloning technologies.

Lear.Genetics

[clique na imagem para aceder ao recurso]



## Cloning



- 1 What is cloning?
- 2 Do clones ever occur naturally?
- 3 What are the types of cloning?
- 4 What sort of cloning is used to create identical twins?
- 5 How are genes cloned?
- 6 How are animals cloned?
- 7 What animals have been cloned?
- 8 Have humans been cloned?
- 9 Do cloned animals have the same personality?
- 10 What are the potential benefits of cloning?
- 11 What are the potential risks of cloning?
- 12 What is therapeutic cloning?
- 13 What are the potential benefits of therapeutic cloning?
- 14 What are the potential risks of therapeutic cloning?

National Human Genome Research Institute

[clique na imagem para aceder ao recurso]



# EUTANÁSIA





**Cota: 61 CUN**



«A eutanásia é mesmo uma opção razoável? As dores e sofrimento de um paciente têm de ser prolongados a fim de preservar a vida, sem olhar à qualidade dessa vida? (...)

Como alternativa ao crescente movimento a favor da legislação da eutanásia e suicídio assistido dos doentes terminais...o oncologista Cundiff defende acerrimamente o programa dos hospitais de retaguarda... defende que a maioria dos doentes terminais receia mais a dor que a própria morte e cita casos em que o sofrimento não mitigado em hospitais de tecnologia de ponta, frequentemente agravado por exames de diagnóstico, tentativas fúteis e dolorosas de ressuscitação e sistemas de manutenção das funções vitais, leva os pacientes a solicitarem a eutanásia...Cundiff propõem eloquentemente mudanças de base no nosso sistema de cuidados de saúde que encorajariam a criação de programas de hospital de retaguarda, em que a morte é considerada uma fase normal da vida a ser atravessada com um mínimo de sofrimento, acompanhada pelo apoio psicológico na busca de um crescimento espiritual. Cundiff também defende que a criação de mais hospitais de retaguarda reduziria o elevado custo dos tratamentos dos doentes terminais.» (Sinopse)

Cundiff, D. (1997). *A eutanásia não é a resposta*. Lisboa: Instituto Piaget.

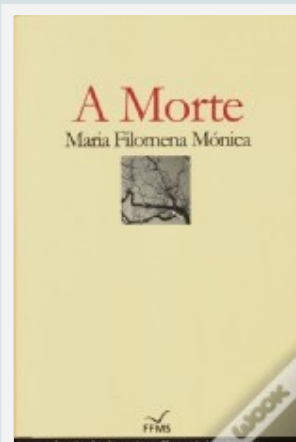


«Segundo o entendimento da Associação Médica Americana, por exemplo, o que conta como eutanásia («morte misericordiosa») é apenas «o ato de pôr fim à vida de um ser humano por parte de outro», ao passo que a «cessação do emprego de meios extraordinários de prolongamento da vida», um exemplo do que poderia ser uma forma passiva de eutanásia, não é de todo considerado como um ato de eutanásia. Há, porém, quem sustente que existe realmente uma distinção entre as duas formas, mas que apenas a eutanásia passiva é normalmente permissível. E, finalmente, há os que pensam que a distinção é irrelevante, pois consideram que quando há razões para aceitar a forma passiva, as mesmas são válidas para aceitarmos a eutanásia ativa, ou até, para preferi-la.

Este debate é revelador, na medida em que as justificações avançadas pelas várias posições dependem da credibilidade de alguns muito discutidos princípios éticos como a doutrina do duplo efeito ou a teoria dos atos e omissões, ou ainda a tese da distinção entre meios ordinários e meios extraordinários de tratamento.

Assim, aquela que parece ser a pergunta a colocar em primeiro lugar - o que conta como eutanásia voluntária?...» (p. 413-414)

Beckert, C., Pires, M. J., Fernandes, S. & Antunes, T. (2012). *Ética: teoria e prática* (414-434). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa



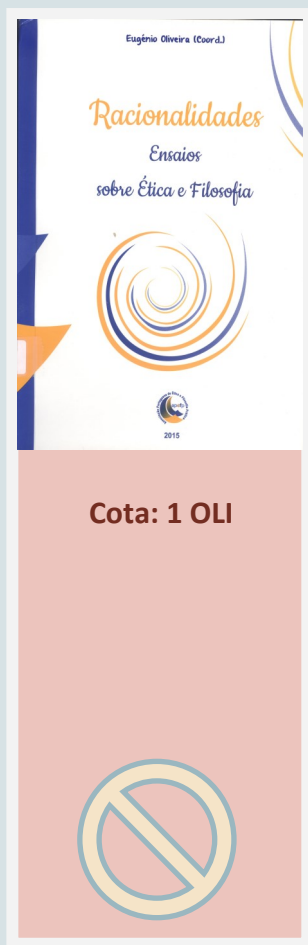
**Cota: 17 MON**



«A palavra “eutanásia” - de eu (boa) e de tanatos (morte) – foi-nos legada pelos Gregos. Sócrates, cujo suicídio se ficou a dever a razões morais, afirmava todavia que uma doença dolorosa era impeditiva de uma vida digna, o que o levava a justificar a eutanásia. Segundo ele, em determinadas circunstâncias – para evitar a desonra às mãos do inimigo ou para se libertar de uma dor insuportável -, o suicídio era defensável. O caso extremo de aceitação da eutanásia é o de Esparta, uma cidade que não só matava velhos, mas as crianças débeis, com base em que estes grupos não poderiam originar guerreiros. Não se tratava, por conseguinte, da morte a pedido do próprio ou pela sua mão, mas de um ato imposto pelo poder. É bom distinguir que, na realidade, é distinto.

A atitude em relação ao suicídio assistido e à eutanásia mudou radicalmente depois da conversão do imperador Constantino ao Cristianismo. Apesar de, na Bíblia, nenhum excerto proibir o suicídio, esta religião considerou-o um pecado mortal. Para santo agostinho, uma vez que o sofrimento era determinado por deus, o suicídio era uma “fraqueza condenável”.» (p.34)

Mónica, M. F. (2011). *A morte* (414-434). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.



«À boa maneira da filosofia escolástica, vamos começar por esclarecer o que é a eutanásia, pois, não raras vezes, se confunde eutanásia com não-distanásia ou adistanásia. O termo eutanásia vem de dois vocábulos gregos: “eu”, que significa “bem”, e “thanátos” que significa morte; o sufixo “ia” designa ação. Etimologicamente, portanto, a palavra eutanásia significa apenas “boa morte”, “morte digna”, “morte em paz e sem sofrimento”. Tal era o que se entendia por eutanásia até praticamente meados do século XX, quando K. Binding e A. Hoche propuseram, sob o nome de eutanásia, liquidação planeada de pessoas inúteis social e economicamente que foi posta em prática pelo hediondo extermínio nazi. Auschwitz é lugar privilegiado de meditação profundíssima sobre o homem e testemunho perene da desmedida absurdista da maldade e da crueldade humanas.

A partir de então, a palavra eutanásia começou a ter um sentido pejorativo. (p. 76)»

Associação Portuguesa de Ética e Filosofia Prática (2015). *Racionalidades - ensaios sobre ética e filosofia* (75-84). Braga: Gráfica Minho .





**Cota: 17 SGR**



«Os desenvolvimentos da medicina agudizaram o problema da eutanásia ou, pelo menos, puseram em maior evidência o problema da «morte digna». Isto deu-se em duas direções: na do progresso tecnológico na assistência aos moribundos e na da chamada socialização da medicina.(...)

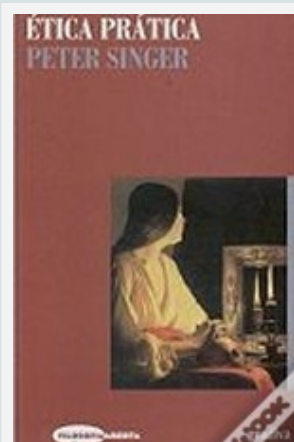
As técnicas de reanimação permitem, para muitos, recuperações prodigiosas e totais, mas frequentemente condenam outros a tratamentos de prolongamento da agonia, mais do que da vida.

O esforço tecnológico nas salas de reanimação é muitas vezes acompanhado por isolamento e solidão do doente - isolamento dos parentes, mesmo aquando da morte, e solidão inclusive em relação ao corpo médico, empenhado em atender às máquinas.

Estas situações-limite colocam problemas éticos sobre a licitude e a obrigatoriedade de certas intervenções com técnicas reanimatórias para lá de um determinado ponto, e suscitam o problema ético da obrigação da assistência humana, psicológica, a este tipo de moribundos.

A outra fonte do problemas éticos para a medicina atual é constituída pelas consequências da chamada socialização da medicina.» (pp. 863-864)

Sgreccia, E. (2009). *Manual de bioética: fundamentos e ética biomédica* (853-920). Lisboa: Principia



**Cota: 17 SIN**



«"Eutanásia" significa, de acordo com o dicionário, «uma morte serena e pacífica», mas refere-se atualmente à morte daqueles que têm doenças incuráveis ou que vivem em grande dor e sofrimento, em benefício daqueles que são mortos e para os poupar a mais dor e sofrimento. É este o tema principal deste capítulo. No entanto, considerarei também alguns casos em que, embora a morte não seja contrária aos desejos do ser humano que é morto, também não é efetuada especificamente em benefício desse ser. Como veremos, alguns casos que se referem a bebés recém-nascidos incluem-se nesta categoria. Esses casos podem não ser de «eutanásia» no sentido estrito do termo, mas torna-se proveitoso inclui-los na mesma discussão geral, desde que se estabeleçam com clareza as diferenças relevantes que os distinguem. Na definição habitual de eutanásia cabem três tipos distintos, cada um dos quais levanta questões éticas específicas. Será útil para a nossa abordagem se começarmos por esclarecer esta tripla distinção, avaliando depois a possível justificação de cada tipo.

A maioria dos grupos que atualmente fazem campanhas para que a lei seja alterada no sentido de autorizar a eutanásia...» (p. 196)

Singer, P. (2002). *Ética prática* (195-237). Lisboa: Gradiva



**Título e data:** *Mar adentro*, 2005

**Realizador:** Alejandro Amenábar

**Atores principais:** Javier Bardem, Belén Rueda, Lola Dueñas

**Banda sonora:** Carlos Núñez

**Duração:** 121'

**Sinopse:** Ramón Sampedro, é um homem nascido numa pequena vila de pescadores da Galicia, que luta para ter o direito de pôr fim à sua própria vida. Na juventude ele sofreu um acidente, que o deixou tetraplégico e preso a uma cama por 28 anos. Lúcido e extremamente inteligente, Ramón decide lutar na justiça pelo direito de decidir sobre sua própria vida, o que lhe gera problemas com a justiça, a igreja e até mesmo seus familiares.

# Stanford Encyclopedia of Philosophy

Browse [About](#) [Support SEP](#)

Contents

History

Tools

Full Preview

Citation Info

Open

## Voluntary Euthanasia

*First published Thu Apr 18, 1996; substantive*

The entry sets out five conditions often said to be necessary for legalized voluntary euthanasia (and, with appropriate modifications, for physician-assisted suicide). It also outlines the moral case advanced by those in favor of legalization, and the five most important objections made by those who oppose it. It concludes by discussing who is, in consequence, permitted to perform the act.

- 1. Introduction

**Stanford Encyclopedia of Philosophy**

[clique na imagem para aceder ao recurso]



ethics guide

## Euthanasia and physician assisted suicide



Euthanasia is the act of killing a sick person's life to relieve their suffering.

In most cases euthanasia is performed because the person is suffering, but there are cases where a person requests it.

**BBC | Dossier Ethics**

[clique na imagem para aceder ao recurso]



ROCON.ORG | THE LEAD  
OF CONT

HOME | FAQs | ME

ISSUES  
WE COVER ▾

ProCon.org

[clique na imagem para aceder ao recurso]



PORTUGAL ECONOMIA

f Gosto

6

Twitter Tweet

0

G+1

0

## Arcebispos a favor da morte assistida

LAURA FERREIRA DOS SANTOS

08/09/2015

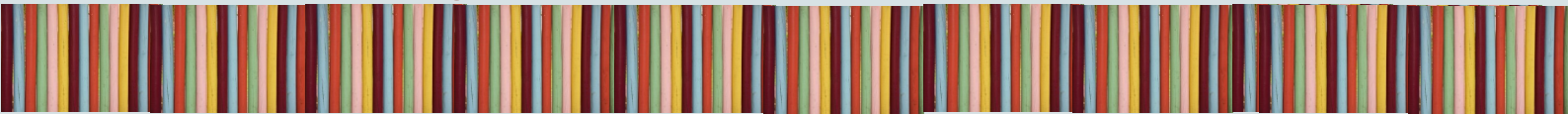
É a qualidade de vida que importa, não  
a sua quantidade. Tal como já Séneca

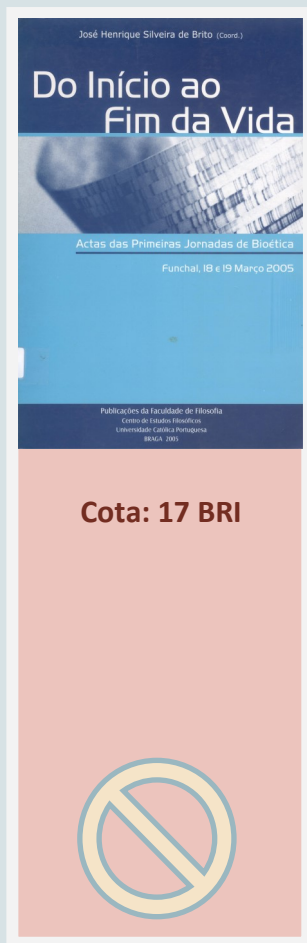
Público | Dossier

[clique na imagem para aceder ao recurso]



# INTERRUPÇÃO VOLUNTÁRIA DA GRAVIDEZ

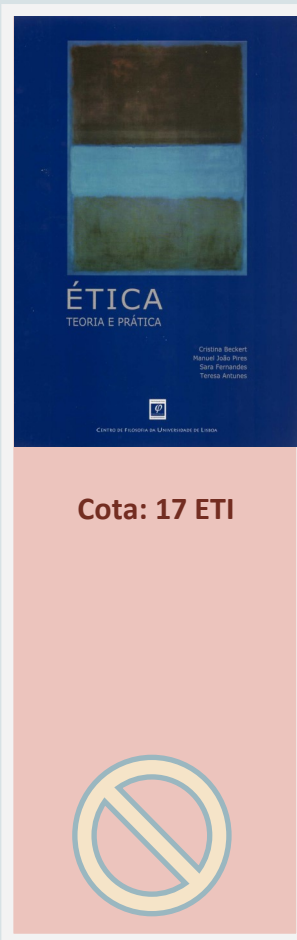




«Porque é que o embrião suscita tantas controvérsias? Não é por uma razão meramente filosófica, mas por causa das implicações relativas ao respeito ético que lhe é «devido» ou que ele «exige» e, em sentido contrário, por causa da avaliação ética do ato que intencionalmente põe fim à sua existência. Em vez de enumerar as posições habitualmente apresentadas, considero mais útil tentar salientar os pressupostos subjacentes a várias dessas posições. Existem posições extremas, como a segundo a qual o embrião é somente uma excrescência do corpo materno. Outra posição dirá que a mãe só é mãe quando o filho nasce; antes, estar-se-ia em presença de uma grávida; noutros termos, a grávida ainda não é mãe do embrião e do feto. Outras posições mais conhecidas dirão que o feto só é pessoa a partir da décima segunda semana, ou que o embrião até à nidação ainda não tem estatuto pessoal, etc.

Este breve elenco das posições sobre o embrião mostra a importância dos conceitos que utilizamos para pensar a sua «natureza», o seu estatuto. Notemos que até estes conceitos de natureza e de estatuto não são idênticos: a natureza implica o que se considera como...» (pp. 163-164)

Brito, J. H. S. (2005). *Do início ao fim da vida* (163-172). Braga: Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.



«Uma das questões mais acesas em muitas das sociedades atuais é de saber em que circunstâncias, e de que forma, a lei deve proibir e penalizar o aborto. É impossível debater sensatamente esta questão sem enfrentar uma outra bastante mais básica: a de saber quando, e por que razão, o aborto é eticamente errado. Pois, se nada houver de errado em matar fetos humanos, a proibição jurídica de abortar ficará destituída de fundamento. Mas se, pelo contrário, abortar for eticamente equiparável a matar deliberadamente uma criança ou um adulto, será bastante mais difícil justificar a ausência de limites legais apertados à prática do aborto. Vamos concentrar-nos apenas na questão ética do aborto. Que questão é esta? A verdade é que o aborto coloca muitos problemas éticos distintos. Contudo, para captar o desacordo essencial entre os que se situam no campo *pró-vida* (ou conservador) e os que se incluem antes no campo *pró-escolha* (ou liberal), podemos identificar a questão ética do aborto com o seguinte problema:

Será que normalmente é errado - profundamente errado - matar um feto humano logo...» (p. 397)

Beckert, C., Pires, M. J., Fernandes, S. & Antunes, T. (2012). *Ética: teoria e prática* (397-410). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa





«Um dos problemas que nunca está em causa na discussão do aborto é a defesa do homem. Aliás, a luta pela liberalização do aborto reclama-se da herança do feminismo. Ora, nessa antiga cruzada, o homem era inimigo, apesar de nunca declarado. Neste novo embate, e apesar de não se explicar o raciocínio, parece que quem quer defender o aborto em nome da mulher o faz contra o homem. O desequilíbrio da lógica prova que, de facto, é mesmo assim.

Uma gravidez não implica apenas uma mulher. A concepção é um ato do casal em que ambos os membros participam plenamente. E mesmo os métodos artificiais mais avançados nunca conseguiram evitar a presença de um espermatozoide algures no processo. Tempos antigos viam a mulher como um agente passivo da geração, dando ao homem a iniciativa e a hegemonia no processo. A biologia moderna mostrou o erro e revelou o preconceito dessa opinião. Hoje, porém, quer-se cair no extremo oposto, negando ao pai da criança qualquer relevância numa decisão crucial para o futuro do seu filho.» (p. 37)



**Cota: 17 NUN**



«... o abortamento é, e será sempre, uma forma de destruição de uma vida humana, de um ser humano. Para mim, que convivo serenamente com a profunda certeza – biologicamente demonstrada – de que a vida humana se inicia no momento da concepção, a destruição de tal vida, de uma qualquer vida humana, não pode deixar de sofrer a mais veemente reprovação, ainda que preferencialmente despida de quaisquer proselitismos serôdios ou de ruídos socialmente perturbadores. (...)

A regra é a de que o aborto, mesmo que consentido pela mulher, constitui crime, exceto em situações bem delimitadas, em que o apelo e a ponderação de outros bens constitucionalmente relevantes acabam por justificar a não punição da interrupção da gravidez desde que realizada dentro do período máximo de determinado número de semanas (16 na hipótese de crime contra a liberdade e a autodeterminação sexuais, 24 no caso de indicação embrionária, vulgo eugénica). A opção jurídico-constitucional portuguesa vai no sentido de...» (Álvaro, 2001, pp. 113-114)

Nunes, R. & Melo, H. (2001). *A ética e o direito no início da vida humana* (99-116). Coimbra: Gráfica de Coimbra



**Cota: 17 SEV**



«É uma questão de ordem ética: a partir de que momento e em que medida fará sentido sentirmo-nos obrigados a respeitar o embrião como uma pessoa potencial? Desde a concepção e sem reservas, respondem os adeptos da possibilidade real, ao que objetam, mais ou menos radicalmente, aqueles que defendem a possibilidade formal. Dilema que os defensores de uma «ontologia progressiva» se propõem ultrapassar, a partir da intuição simples que «o ser embrionário é um ser em desenvolvimento e que perante uma célula viva, depois um feto de cinco meses, depois uma criança de cinco anos, as nossas obrigações morais não podem ser as mesmas. A afirmação é, num certo sentido, incontestável: uma vez que as prerrogativas da pessoa se enriquecem à medida que ela se torna por si, é claro que as prescrições do seu respeito são chamadas a alargar-se proporcionalmente. Querer resolver um problema ético com base em considerações ontológicas não torna menos grave a questão. Até que ponto uma antologia progressiva justifica uma ética degressiva? Dir-se-á que um ser embrionário apenas tem direito a um respeito embrionário?» (pp.109-110)

Sève, L. (1997). *Para uma crítica da razão bioética* (19-124). Lisboa: Instituto Piaget.



**Cota: 17 SGR**

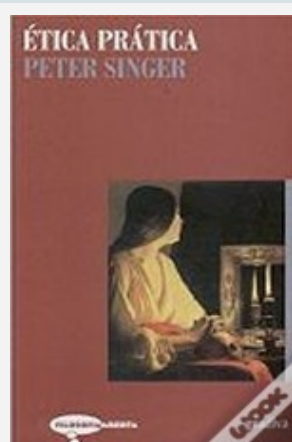


«Dado que o desenvolvimento biológico é ininterrupto, e atua sem mutação qualitativa intrínseca, sem que seja necessária uma ulterior intervenção causativa, deve dizer-se que a nova entidade constitui um novo indivíduo humano que, desde o instante da concepção, prossegue o seu ciclo, ou melhor, a sua curva vital. A autogénese do embrião dá-se de forma a que a fase seguinte não elimine a precedente, mas a absorva e a desenvolva segundo uma lei biológica individualizada e controlada. Mesmo quando ainda não é reconhecível a figura humana, há centenas de milhares de células nervosas que já fazem pulsar um coração primitivo; há dezenas de milhões de células nervosas que se organizam em circuitos e se dispõem para formar o sistema nervoso de uma determinada pessoa.

A este propósito, cai por terra a distinção entre o ser humano e ser humanizado, um separado do outro pelo aparecimento da figura humana; ou, então, aquela outra objeção que se apoia na distinção entre *ontogénese* e *filogénese*.

Esta teoria, partindo do evolucionismo, teoriza que na formação do indivíduo é percorrida e está concentrada a história da evolução das formas de vida existentes no Mundo...» (p.535)

Sgreccia, E. (2009). *Manual de bioética: fundamentos e ética biomédica* (527-593). Lisboa: Principia



**Cota: 17 SIN**



«Penso, portanto, que não se deve atribuir à vida de um feto um valor maior que à vida de um animal não humano com um nível comparável de racionalidade, autoconsciência, consciência, capacidade de sentir, etc. Como nenhum feto é uma pessoa, nenhum feto tem o mesmo direito à vida que uma pessoa. Temos ainda de considerar a que ponto do seu desenvolvimento é provável o feto ganhar a capacidade de sentir dor. Por agora bastará acrescentar que, enquanto essa capacidade não existir, um aborto é o fim de uma existência que não possui qualquer valor «intrínseco. Depois disso, quando o feto pode ter consciência, embora não autoconsciência, o aborto não deve ser encarado de ânimo leve (se é que uma mulher alguma vez encara o aborto de ânimo leve). Mas os interesses importantes de uma mulher suplantariam normalmente os interesses rudimentares mesmo de um feto consciente. Na realidade, torna-se difícil condenar mesmo um aborto feito numa gravidez adiantada pelas razões mais triviais, a não ser que condene-mos também a chacina de formas de vida de longe mais desenvolvidas devido ao gosto pela sua carne. A comparação entre o feto e os animais leva-nos a outra questão.» (p. 171)

Singer, P. (2002). *Ética prática* (155-194). Lisboa: Gradiva



**Título e data:** *Vera Drake*

**Realizador:** Mike Leigh

**Atores principais:** Imelda Staunton, Jim Broadbent, Heather Craney

**Banda sonora:** Andrew Dickson

**Duração:** 120'

**Sinopse:** O Segredo de Vera Drake é um drama baseado em uma história britânica verídica de 1950. Apesar das dificuldades financeiras, Vera Drake é uma senhora que tem uma família muito unida e feliz. Íntegra e dona de um caráter admirável, ela trabalha como doméstica e ainda consegue tempo para se dedicar à mãe idosa. O cotidiano da protagonista, focado no emprego e na família...



**Internet Encyclopedia of Philosophy**  
[clique na imagem para aceder ao recurso]



**Stanford Encyclopedia of Philosophy**  
[clique na imagem para aceder ao recurso]





**Agrupamento de Escolas Lima-de-Faria, Cantanhede, 2015**